

Observar o sagrado entre mulheres na cidade¹

Hannah Lima Alcantara de Vasconcellos (MN-UFRJ/Rio de Janeiro)

Palavras-chave: mulheres, sagrado, cura

“É a nova onda do momento, é o novo *cult*, o novo alternativo. E dá muito dinheiro.” No campo antropológico, entre etnografias e netnografias, o sagrado feminino se revela um termo polissêmico, que compartilha significados, ideias, ideais e práticas entre diferentes campos de saber como ginecologia natural, ecofeminismo, ginecologia autônoma, pompoarismo, tantra e ciclicidade. A frase que inicia este texto é parte da resposta de uma mulher negra ao ser perguntada sobre o movimento crescente² entre mulheres jovens e urbanas que se reúnem em torno de práticas naturais de autocuidado, especialmente com o útero, a vagina e a vulva. Pensando esse movimento, o presente artigo é um dos resultados, ainda de forma preliminar, da pesquisa que venho desenvolvendo em torno de jovens no contexto urbanizado que estão reelaborando essas práticas, organizando-se nas redes sociais e promovendo encontros pagos para compartilhar, ensinar e ritualizar.

O início desse movimento no Brasil tem aspectos e marcos semelhantes ao processo do mesmo movimento nos Estados Unidos: nos anos 70, com a contracultura e a Nova Era, houve uma virada do interesse social em direção à autonomia, ao misticismo e a um estilo de vida mais ‘conectado com a natureza’. Como parte dessa virada, grupos foram criados, como o *Women’s health Movement* nos EUA, criado nos anos 70, e o Coletivo Feminista Saúde e Sexualidade, criado no Brasil no início dos anos 80. Como marco, o livro *Our Bodies, Ourselves* foi publicado pelo grupo estadunidense em 1971 e traduzido e adaptado pelo grupo brasileiro 50 anos depois.

Esse movimento crescente é parte de uma tendência global já mapeada por pesquisas. A busca por soluções ‘holísticas’ e focadas em um bem-estar geral aumentou e o reflexo disso pode ser sentido, por exemplo, pelas vendas de alimentos e bebidas à base de plantas, que aumentaram 34% em 2020 em relação a 2019³.

No Brasil hoje, as participantes dos grupos e dos eventos que fazem parte desse movimento observado relatam que tiveram acesso a eles primordialmente através de

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² Estou trabalhando em pesquisas quantitativas utilizando as APIs do Google Trend para identificar um marco temporal do crescimento do interesse social brasileiro por temas como sagrado feminino, e do Instagram para identificar o crescimento da criação das páginas profissionais desses grupos.

³ Ver mais em: <https://www.iriworldwide.com/IRI/media/Library/IRI-Evolution-of-Self-Care-POV.pdf>

encontros feministas durante a graduação na universidade, sobretudo as públicas. O caminho até a chegada aos grupos de sagrado feminino passaram pelas ideias e reflexões sobre empoderamento feminino, autocuidado e, principalmente sobre maternidade, que, por sua vez, as levavam até grupos que mesclavam tais ideias e oferecia, como resultado, reflexões sobre o ‘poder da mulher’ simbolizado pelos marcadores biomédicos do corpo entendido como feminino, como a menstruação e o útero. Outra grande parte das mulheres também conta que teve acesso a esses grupos e eventos através do algoritmo do *Instagram*, em especial diante do interesse que elas têm em páginas e perfis feministas e, partir desse interesse, a rede social sugere frequentemente postagens e páginas com o conteúdo voltado ao ideário do sagrado feminino, compreendendo que esse conteúdo tem grande similiaridade com o conteúdo feminista compartilhado nessa rede social (Silva, 2020).

Ao observar o sagrado na cidade entre mulheres sem negligenciar a centralidade da raça nas dinâmicas sociais e sublinhando os marcadores sociais de poder entre mulheres, a pergunta que emerge é: como os cruzamentos entre sagrado, raça e cidade surgem na produção disso - que tem algo de médico, de espiritualidade, de cosmovisão - praticada por essas mulheres? De maneira geral e preliminar, os grupos e eventos, hoje, se caracterizam por receberem mulheres que buscam autonomia e conhecimento sobre o corpo, produzem críticas à medicalização e compartilham de uma ideia de valorização de uma suposta “natureza” biológica da diferença sexual. De maneira mais específica, também se caracterizam por sete grandes aspectos, elucidados a seguir.

Em relação ao perfil das mulheres, os grupos e eventos reúnem mulheres, incluindo as organizadoras, que têm entre 25 e 35 anos em média, majoritariamente brancas dotadas de certo capital econômico e à procura de soluções para problemas como ciclos menstruais dolorosos e falta de prazer durante o sexo, ou guiadas pelo desejo de encontrar curas alternativas para questões emocionais decorrentes de eventos traumáticos como relacionamentos abusivos. A dicotomia, portanto, entre saúde e doença é evocada a partir de um ideal de mulher, que deve sentir prazer, ter liberdade, força e poder para ser considerada saudável. Os eventos e grupos são organizados por uma mulher, que faz o papel de facilitadora, ou por um grupo de organizadoras que se juntam para organizar um evento, mas que têm seus trabalhos individuais.

Os serviços prestados são variados, desde consultorias pontuais ou acompanhamentos que duram meses a cursos rápidos de um dia, passando por imersões que duram 3 a 7 dias em cidades do interior ou até em outros países, como Chile e

Austrália. Os valores das imersões, por exemplo, variam de R\$ 600 até R\$ 4.000 para 3 dias no interior de estados como Rio de Janeiro e Distrito Federal.

Outra característica é que as organizadoras são bastante ativas no *Instagram*, divulgando informações, reflexões e também criando público para encontros pagos e consultorias. Lá, imagem e linguagem são usadas como estratégias centrais para atingir tais objetivos. Nessa lógica, os estudos de mídia dão conta de que a ascensão das redes sociais resultou no fim do que chamam de ‘internet livre’, na qual os consumidores de informações podiam encontrar os resultados de suas pesquisas em buscadores. Hoje, com essa ascensão, os conteúdos estão presos nos sistemas de cada uma das redes sociais, como o *Instagram*. Ou seja, todo o conteúdo que elas produzem e compartilham não podem ser acessados a partir de pesquisas deliberadas, apenas através da entrega dos algoritmos, que, apesar de haver muitos estudos sobre, ainda tem seu funcionamento como algo incerto e volátil. Além dessas características, há também estudos sobre seu aspecto racista (Silva, 2020).

A necessidade ou o desejo de entregar seus conteúdos para o máximo de pessoas faz com que essas organizadoras utilizem certas estratégias. Elas usam o *Instagram* para estabelecer um estilo de vida atraente através de uma iconografia, com imagens marcantes que trazem fortes aspectos sensoriais, como movimento, iluminação difusa, bruma e elementos e cores mais orgânicas. Há a venda de cursos, eventos e consultorias a partir da criação do desejo de ter aquele estilo de vida ou de fazer parte daquele mundo retratado pela iconografia criada. Por vezes, há a criação de uma necessidade antes inexistente usando a dicotomia entre saúde e doença como ponto central.

Há também o uso da linguagem de forma estratégica e, por vezes, apelativa. Conceitos-chave como sexualidade sagrada, ancestralidade feminina, autoconhecimento e cura são frequentemente acionados nas legendas. Como exemplo, uma *newsletter* enviada mensalmente por uma organizadora tem títulos como ‘Você ainda não entendeu o poder da sua energia erótica’, ‘Continue se privando de sentir prazer’, ‘Você não precisa ter orgasmo’, ‘Esse é seu real problema’, ‘Essa foi minha melhor escolha’. Outro exemplo é a postagem abaixo com uma expressão muito forte:

que detinha os saberes que elas agora tentam compartilhar nos grupos e nos eventos. Aqui, frequentemente a ideia de ‘bruxa’ é evocada.

Os eventos, sobretudo as imersões, têm grande apelo ritualístico, no sentido cunhado por Victor Turner (1974), ou seja, as representações simbólicas aparecem como importantes balizadoras do evento e das práticas compartilhadas. Durante uma imersão no interior do estado do Rio de Janeiro em 2019, uma das noites foi encerrada por uma prática nomeada pela organizadora de ‘útero-mãe’.

Essa prática consistia em agrupar as quase 30 participantes em uma sala, cada uma com uma bacia com água quente e ervas em infusão e um cobertor grosso. As mulheres deveriam ficar em uma posição em que fosse possível direcionar o canal vaginal no sentido do vapor que saía da bacia e cobertas pelo cobertor, evitando que o vapor se dispersasse. Por cima de todas, deixando as cabeças descobertas, as organizadoras colocaram um grande pano vermelho. A representação simbólica desse ritual era de que todas estavam dentro de um grande útero enquanto cuidavam do próprio útero através da prática de vaporização uterina. Para reforçar o caráter ritualístico, velas foram acesas e espalhadas pela sala e uma lista de músicas saía da caixa de som. As músicas eram majoritariamente em vozes femininas, em canto lírico e suave, com elementos instrumentais mais orgânicos e pouco eletrônicos e variavam de tom, ora calmas e profundas, ora enérgicas e leves. Depois de um momento inicial, algumas mulheres gemiam, se balançavam e algumas pareciam estar em algum tipo de transe.

Por fim, as práticas compartilhadas e ritualizadas nos eventos são práticas naturais de autocuidado e podem ser divididas em três grandes tipos: 1. práticas que têm sua origem, no Brasil, nos saberes dos povos originários, dos povos africanos, afrobrasileiros e quilombolas e de ribeirinhos como, por exemplo, garrafadas e tinturas; 2. práticas que têm sua origem na medicina chinesa, como, por exemplo, a inserção de pedras em formato oval (chamadas de *yoni eggs*), geralmente pedras como quartzo rosa e obsidiana, no canal vaginal; 3. práticas que não têm suas origens mapeadas e que têm forte relação com a ideia de eficácia simbólica (Lévi-Strauss, 1975). E tais práticas, muito frequentemente, não são referenciadas e, quando o são, as referências aparecem como algo místico e abstrato como ‘sabedoria ancestral feminina’ ou “aprendi em viagens pelos interiores do Brasil, conversando com anciãs”.

Algumas das práticas escritas nos pontos 1 e 2 também podem fazer parte deste ponto 3, porque frequentemente tais práticas se encontram na interseção do “limite entre a medicina física contemporânea e as terapias psicológicas como a psicanálise”

(Lévi-Strauss, 1975, p. 201), ou seja, algumas fazem uma mescla. Por exemplo, é indicado que, enquanto se faz uma tintura, também se ‘coloque intenção’ naquele fazer, falando frases de afirmação ou ‘elevando o pensamento’. Um exemplo bastante presente nos grupos e eventos que faz parte tão-somente desse terceiro ponto⁴ é o que elas chamam de ‘plantar a lua’.

Para plantar a lua, a pessoa menstruante deve usar absorventes de tecido ou copo/disco coletor para conseguir coletar seu sangue sem que ele entre em contato com substâncias químicas como as presentes nos absorventes descartáveis. O sangue é diluído em água e despejado na terra com mentalizações de cura. Geralmente, no dia a dia, as mulheres plantam a lua em seus vasos de planta, já que poucas moram em casas com quintal ou terra abundante. ‘Plantar a lua’, portanto, é oferecer o sangue menstrual ao que elas chamam de ‘Mãe Terra’, que também é chamada de Pachamama, parte importante de algumas cosmovisões indígenas. A eficácia simbólica por trás dessa prática está na ideia de que, ao fazer esse ritual cíclico, é iniciado um processo de cura através do agradecimento e da conexão com a terra. Além disso, algumas mulheres relatam que, ao incorporar essa prática no dia a dia, passaram a ter uma relação mais saudável com o próprio sangue menstrual.

Lua é sinônimo do sangue menstrual, e o é porque, assim como a lua, o ciclo menstrual é formado por fases e essas fases seguem as mesmas simbologias.

Desde tempos imemoriais, nossas ancestrais tentam encontrar formas de compreender e acompanhar seus ciclos menstruais. Uma das primeiras associações foi do ciclo menstrual com o ciclo da Lua, pois seus ritmos são semelhantes. O ciclo completo da Lua tem 29,5 dias enquanto o ciclo menstrual tem em média 99 dias. As próprias palavras "menstruação", "mês" e "lua" estão ligadas em sua etimologia - do grego mené (lua) e mén (lunação), deriva a palavra latina mensis, origem de "mês". Algumas arqueólogas afirmam que os primeiros calendários feitos pela humanidade podem ter sido de pessoas tentando acompanhar seus ciclos menstruais. A Lua e a menstruação mantêm uma relação íntima, que pode ser uma coincidência ou um mistério que ainda não somos capazes de entender. Algumas pesquisadoras sugerem que no passado, sem a interferência de luzes artificiais e convivendo juntas em comunidades, as mulheres menstruavam e ovulavam juntas e em sincronia com a Lua, em algumas regiões, durante a lua nova e, em outras, durante a lua cheia. Essas são apenas hipóteses, mas é bonito imaginar que nossos corpos respondem aos ritmos celestes. Para saber mais sobre a relação do seu ciclo com a Lua, convidamos você a pesquisar e encontrar suas próprias respostas. Miranda Gray oferece uma hipótese de interpretação para menstruar e estar fértil em determinadas fases lunares. (Mandala Lunar 2022, pg 17)

⁴ Há informações sobre a origem da prática de plantar a lua: algumas pessoas dizem que tem origem na era paleolítica e outras na cosmologia indígena da América do Norte. Por vezes, falam de uma “origem milenar”.

Ao acompanhar as participantes dos eventos pelo *whatsapp* ou através de conversas marcadas em videochamadas⁵, ficou perceptível que, apesar de os encontros serem pontuais, eles geralmente inauguram um novo estilo de vida, mantido e constantemente inspirado também pelos perfis que as organizadoras mantêm no *Instagram*. Muitas vezes os encontros são organizados com o foco nas mulheres que vivem nas grandes cidades, mas geralmente acontecem nos interiores das cidades ou em casas ou sítios que podem oferecer os elementos do interior, como a natureza presente, o silêncio e o isolamento. Por isso, há a percepção de uma separação bem delimitada entre o que é experienciado durante os eventos e como é a vida na cidade durante o dia a dia, e por vezes há o desejo de tentar prolongar aquela experiência inserindo certas práticas no dia a dia. Isso é fortemente indicado pelas organizadoras porque a ideia é que haja uma verdadeira mudança no estilo de vida daquelas mulheres que desejam a cura e a retomada do poder.

Ao se deparar com o desejo de praticar o ‘sagrado feminino’ na cidade, longe daquele ambiente em que se experiencia quase uma suspensão de tempo-espaço - é nessa direção o esforço ritualístico que as organizadoras empreendem -, algumas mulheres, a minoria delas, se vêem diante de impasses e desafios: como comprar a *yoni egg* que me foi indicada se ela custa cerca de R\$ 90 cada ovo? Como substituir o absorvente descartável pelo absorvente de pano se um conjunto custa R\$ 190? E como incluir a higienização dos absorventes na rotina se fico mais de 12h fora de casa diariamente? Como comprar um ‘blend’ de 100 gramas de ‘ervas que curam’ que custa R\$ 25? Quais são o autocuidado e a cura possíveis dentro do ideário do sagrado feminino? Que mulher pode se ‘curar’?

É na cidade que esse movimento, formado pelos grupos e eventos, encara análises como a que iniciou este texto e que revelam as dinâmicas que o possibilitam. Portanto, pensando o campo de forma preliminar, o que surge desse movimento crescente hoje são insumos reflexivos importantes para a compreensão da branquitude, sobretudo da branquitude performada por mulheres, e para o entendimento do funcionamento neoliberal do capitalismo contemporâneo, que ganha contornos ainda mais complexos quando adicionamos ao supracitado processo de compreensão dos estudos sobre algoritmização da vida.

⁵ Iniciei meu campo em 2019 e, menos de um ano depois, o isolamento por conta da pandemia começou. Com isso, escolhi seguir com a pesquisa acompanhando os movimentos das interlocutoras nas redes sociais e marcando conversas por vídeo chamada.

Referências bibliográficas

A LUA e o ciclo menstrual. Mandala Lunar, 2021, pág. 17. Porto Alegre.

CARNEIRO, Fernanda. Nossos passos vêm de longe. In: O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Organização: Jurema Werneck, Maisa Mendonça e Evelyn C. White. Traduções por Maisa Mendonça, Marilena Agostini e Maria Cecília MacDowell dos Santos. Rio de Janeiro: Pallas, Criola, p. 22-41, 2000.

COLLINS, Patricia Hill (1991). Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment. Routledge.

CONRAD, Peter. Medicalization: contexts, characteristics and changes. In: CONRAD, Peter. The medicalization of society: on the transformation of human conditions into treatable disorders. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2007. p. 3-19.

CONRAD, Peter. Medicalization: contexts, characteristics and changes. In: CONRAD, Peter. The medicalization of society: on the transformation of human conditions into treatable disorders. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2007. p. 3-19.

COSTA, Adailton Moreira. Candomblé e saúde. In: MANDARINO, Ana Cristina de Souza; GOMBERG, Estélio. Leituras afro-brasileiras: territórios, religiosidades e saúde. In: Leituras afro-brasileiras: territórios, religiosidades e saúde. 2012. p. 337-344.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984. p. 223-244.

HOOKS, Bell. Vivendo de amor. O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe, v. 2, p. 188-198, 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia. Antropologia estrutural, v. 5, p. 193-214, 1975.

MOLINER, Pascale. Cuidado, interseccionalidade e feminismo. Tempo Social, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 17-33, 2014.

MOMBAÇA, Jota. O mundo é meu trauma. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 11, p. 20-25, 2017.

OXUM, Mãe Meninazinha de. A História de uma Meninazinha: o legado ancestral. Produção Ilê Omolu Oxum, 2015.

OXUM, Mãe Meninazinha de. Adupé arte com axé - gerando sustentabilidade. Produção Ilê Omolu Oxum, 2005.

SILVA, Tarcízio. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. In: SILVA, Tarcízio (org).. Comunidades, Algoritmos e Ativismo Digitais: olhares afrodiaspóricos. São Paulo: LiteraRUA, 2020.

TURNER, Victor. (1974 [1969]). O processo ritual: estrutura e anti-estrutura Petrópolis: Vozes.

WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. In: O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. 2006. p. 256-256.

YEMONJÁ, Mãe Beata de. Carço de dendê: a sabedoria dos terreiros. Rio de Janeiro, 2002.